

FEVEREIRO

a Siahona

DE 1957



A CIDADE DE SÃO PAULO

(Veja página 43)

sua duvida...

pelos diretores



A MÃO DIREITA

Pergunta: Ensinarão-nos na Igreja que devemos participar do Sacramento com a mão direita. Por que é necessário? É errado participar do Sacramento com a mão direita?

Resposta: A prática de ordenanças com a mão direita de preferência à esquerda é um costume universal que não se restringe somente à Igreja. Em alguns governos nos quais os juramentos são administrados, o candidato a um determinado cargo é convidado a erguer a mão direita. Há ocasiões em que ele é mandado a dar seu testemunho tendo sua mão direita sobre a Bíblia. Este costume nos veio desde o princípio, e nas diversas passagens das Escrituras notamos que ele tem recebido aprovação divina. Quando Abraão mandou seu servo à sua parentela a fim de que ele achasse uma esposa para Isac, pediu para que ele pusesse sua mão direita debaixo da coxa d'ele (Abraão), e ordenou-o a cumprir aquela missão. (Gen. 24:2). Existem ocasiões de igual importância. Um dos incidentes mais antigos é aqueles da bênção que Jacó deu a seus netos, Manassés e Efraim. Manassés era o mais velho, e José apresentando seus netos ao avô conduziu Manassés em direção à mão direita de Jacó. Os registros asseguram que Jacó estendeu sua mão direita e pô-la sobre a cabeça de Efraim e a sua esquerda na cabeça de Manassés. José protestou, dizendo: " não assim, meu pai, porque este é o primogênito; põe a tua mão direita sobre a sua cabeça. Mas seu pai o recusou, e disse: " eu o sei, filho meu, eu o sei; também ele será um povo, e também ele será grande; contudo o seu irmão menor será maior que ele, e a sua semente será uma multidão de nações ". (Gen. 48:13-19).

O significado do uso da mão direita ou do uso do lado esquerdo não foi criado pelo homem, mas sim, foi revelado desde o princípio. O Senhor disse a Isaias: " não temas, porque eu Sou contigo; não te assombres, porque eu Sou teu Deus; Eu te esforço, e te ajudo, e te sustento com a destra da Minha justiça. Porque Eu, o Senhor teu Deus, te tomo pela tua mão direita, e te digo: não temas, que Eu te ajudo. E novamente: " dá-Me ouvidos, o Jacó, e tu, ó Israel, a quem chamei; Eu sou o mesmo, Eu o primeiro, Eu também o último "

(*Continua na página 36*)

NOTA DO EDITOR — A correspondência de a " SUA DÚVIDA ", é atendida dentro das possibilidades desta página. Po esse motivo, apenas uma pequena percentagem das perguntas enviadas são respondidas. Quando você leitor, escrever, é favor mencionar seu nome e endereço, para eventual resposta.



ELDER JOHN LONGDEN, um dos assistentes do Quórum dos Doze Apóstolos.

Orações humildes dão Força

Não houve medo no coração na mente de Davi porquanto ele orava muito. Ele tinha bastante fé em Deus, seu Pai, motivo porque conseguiu submeter-se a experiência dos Filisteus, ou seja ter de enfrentar o gigante Golias. Vocês por certo se lembrarão da grande lição quando Golias disse que escortaria Davi para que servisse de alimento aos animais. Não obstante ter sido de pequena estatura em relação à Golias, Davi teve a assistência de nosso Pai Celestial e de Seu Filho, Jesus Cristo.

E ali estava a força de Davi visto que ele jamais tinha desafiado Deus. Ele sempre procurava viver em submissão aos Seus ensinamentos e justiça. Tenho certeza que não havia pensamentos arrogantes na mente de Davi naquela ocasião, pelo contrário ele se humilhava e orava.

E Deus se revelou novamente neste dia, como se acha mencionado em Doutrinas e Convênios em várias seções: "...que devemos orar constantemente, fervorosa e sinceramente a fim de que não caiamos em tentação...". Disseram-nos para ensinar nossos filhos a orar e viver em retidão perante Ele.

Desejo dizer aos jovens do fundo de meu íntimo que não há motivo para nos envergonharmos ao orarmos humildemente à Deus. Não é sinal de fraqueza. Eu testemunho a vós que muito pelo contrário é um sinal de grande força e fé porquanto Deus sempre vos iluminará e vos salvará. Ele está sempre pronto a auxiliá-los no caminho da retidão. Ele não nos desapontará...

Eu testemunho a vós com toda a sinceridade e humildade que Deus ouve e responde as suas preces se colocarmos nossos corações e vidas em afinidade com Seu Espírito e com Seus sábios mandamentos.

(*Elder John Longden, Assistente do Conselho dos Doze, Conferência Anual, abril de 1955*).

Órgão Oficial
DA MISSÃO BRASILEIRA DA
IGREJA DE JESUS CRISTO DOS
SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS

VOL. XI — N.º 2

DIRETOR GERENTE:

Claudio Martins dos Santos

Registrado sob o N.º 93 do Livro B, N.º 1
 de Matrícula de Oficinas Impressoras,
 Jornais e Periódicos, conforme Decreto
 N.º 4.857, de 9-11-1939

REDAÇÃO :

Editor — ASael T. SORESEN

Redação — CRAIG R. SUTTON

Tradução — GERALDO TRESSOLDI

MISSÃO BRASILEIRA

R. Itapeva, 378 - Bela Vista - C. Postal, 862
 São Paulo, E.S.P. — Fone, 33-6761

NESTE NÚMERO

- ARTIGOS DE INTERESSE
 - ARQUEOLOGIA E O LIVRO DE MÓRMON
Dr. Milton R. Hunter 25
 - AS REGRAS DE FÉ
Presidente Reuben Clark 27
 - GRANDE AVENTURA E A
 CONVERSÃO DE UM JOVEM
Presidente S. Dilworth Young . 28
- EDITORIAL
 - A FORÇA VEM ATRAVÉS DA UNIDADE
Presidente Asael T. Sorensen . 24
- O SACERDÓCIO 31
- NOTICIÁRIOS
 - A Igreja no Mundo 23
- SECÇÕES ESPECIAIS
 - Sua Dívida 22
 - Jóias do Pensamento 22
 - Meu Testemunho 38
 - Lição para os Mestres Visitantes 40
 - Seu Ramo 41
 - Nossa Capa 43
 - A Palavra Inspirada 44

PREÇOS

No Brasil: Ano..... 60,00
 Exemplar 5,00
 Exteriors Ano US\$3,00



A IGREJA NO MUNDO (NOTÍCIAS)

• **Aukland — Nova Zelândia** — Elder Hugh B. Brown, Assistente do Conselho dos Doze, conduziu os serviços e ofícios na cerimônia da colocação da “pedra de esquina”, representando a Primeira Presidência. Ele oferece também uma oração depois que a pedra foi colocada.

Também representando a Chefia da Igreja, em Utah, e dirigindo os serviços, Elder Ewald B. Mehdenthal, Presidente do Comitê de Construção da Igreja que também estava presente nas cerimônias de lançamento da pedra fundamental do Templo há um ano atrás.

TEMPLO DE NOVA ZELÂNDIA — Nesta fotografia pode-se ver estado adiantado da construção do Templo. Na fotografia aparecem os Elderes: Mendenhall, Brown, Bird, Evans e o Presidente Balif.



• **Yoshio Shigota de Toquio Vence em Inglês**

— TOQUIO — JAPÃO — Yoshio Shigota, um sacerdote no Ramo de Toquio da Missão Norte do Oriente Distante venceu concursos de discursos em inglês com regularidade que chegaram ao climax com a sua chegada a ter o primeiro lugar na Universidade de Meiji onde é um estudante.

Ele conseguiu o primeiro lugar entre 70 contendores, competindo com mais e menos graduados, todos com mais experiência em falar a língua.

Os juizes elogiaram o conteúdo dos seus discursos, cada um deles baseado em princípios do Evangelho. Este rapaz falou com tal calor e convicção que deixou todos os seus ouvintes em suspenso.

Yoshio planeja entrar no Concurso All-Kanto do Distrito e no Concurso All-Japan de Discursos ambos que terão lugar em dezembro.

Ele é tem sido um membro ativo nas funções da Igreja há bastante tempo no Ramo de Takasaki. Foi convertido à Igreja em 1949 quando tinha 13 anos de idade, e desde aí serviu como Conselheiro do Superintendente da Escola Dominical, A.M.M. e outros ofícios do Ramo por dois anos. Desde sua mudança para Toquio, tem sido ativo no Ramo Central de Toquio, servindo como Superintendente da A.M.M..



O jovem mórmon YOSHIO SHIGOTA, de Tóquio, Japão, que venceu brilhantemente o Concurso de Oradores em Língua Inglesa. Ao lado do vencedor, vê-se o Elder Floyd Turley, que o orientou nas preparações de seus discursos.

A Força vem Através da Unidade

pelo Presidente Asael T. Sorensen

... “PAI SANTO, guarda em Teu nome aqueles que me deste, para que sejam um, assim como nós. E não rogo somente por estes, mas também por aqueles que pela Sua palavra hão de crêr em mim; para que todos sejam um, como Tu, ó Pai, o és em mim, e eu em Ti; que também êles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste”. (João 17:11, 20-21).

De tôdas as orações que estão registradas nas Escrituras Sagradas, nenhuma é tão sublime e tão destituída de egoísmo do que esta que foi oferecida pelo Salvador a Seu Pai. Aqui o vemos implorando a Êle para que Seus Apóstolos tivessem o mesmo e grande amor e unidade que Êle e Seu Pai desfrutavam. Ela representa a unidade compreendida nos sinônimos: harmonia, boa vontade, paz, concórdia, compreensão mútua, expressando o sentimento universal ávido de paz entre todos — A UNIDADE. Seus opostos são a discórdia, a contenda, a confusão.

Nos Ramos onde esta grande virtude é manifesta — a unidade — há alegria, felicidade e paz reinante entre todos os membros. Existe um sentimento radiante de entusiasmo que atrai mais amigos para a Igreja, para investigar os princípios do Evangelho Restaurado de Jesus Cristo. Enquanto que nos Ramos onde o espírito da unidade não existe, encontramos os elementos destrutivos em ser-

viço — os critiqueiros, os invejosos, os pregadores do mal, e os discordantes que impedem o crescimento dos membros e, conseqüentemente, do Ramo.

A desintegração é muitas vezes perigosa e mais fatal do que a oposição exterior. Por exemplo: uma pessoa pode muito bem proteger-se das chuvas torrenciais, do frio, do calor intenso, da sêca ou inundações, e mesmos das tormentas ou outros extremos da natureza. Mas quando os germens destruidores entram em seu organismo, ou um tumor maligno começa a se desenvolver, minando as suas forças, êle é impotente para debelar êsse mal.

A Igreja poucas vezes, quando muito, é injuriada pela perseguição e calamidades dos ignorantes, dos mal informados, dos critiqueiros maliciosos, dos quebradores de mandamentos, dos apóstatas facciosos, pelos seus grupos eclesiásticos.

Irmãos e irmãs, se fosteis ofendidos ou tendes ofendido a alguém, resolvi agora a vos emendar para que não agravemos o Espírito do Senhor. Que durante êste ano procuremos ser unidos a nossos irmãos para que o trabalho da promulgação do Evangelho Restaurado, possa prosseguir mais rapidamente. Procurai o vosso Presidente do Ramo e dizei-lhe que vós estais dispostos a fazer quaisquer serviços que êle vos indique no Ramo. E agradecei-o pela boa obra que êle está realizando.

ARQUEOLOGIA E O LIVRO DE MÓRMON



por Dr. Milton R. Hunter
do Primeiro Conselho dos Setenta



JUAN (um dos Lacadons que serviu de guia) dirigindo a canoa que levava DR. MILTON R. HUNTER e JOSÉ DÁVILA, atravessa o rio perto da cabana de José Petit. Sentado no chão, de costas, é NABOR (um outro índio Lacadons, que também serviu de guia para a expedição).

— II —

VISITANDO BONAMPAK E OS ÍNDIOS LACADON

UM dramático capítulo na história da arqueologia americana foi irradiado ao mundo em 1947 quando a recente descoberta no sul das florestas do México, das cenas achadas de índios de cor escura e clara pintados nas paredes internas de um

templo. O nome Maia BONAMPAK, significa "paredes pintadas", foi dado a este lugar arqueológico.

Uma sucessão de interessantes acontecimentos resultou no descobrimento de Bonampak. Aproximadamente quinze anos atrás quando os rumores da guerra pesavam sobre os Estados Unidos, Charles Frey um jovem de Chicago, decidiu ficar completamente aparte do que chamamos

civilização; então devido a isso ele saiu dos Estados Unidos com esperança de achar um lugar onde ele pudesse gozar paz e contentamento em completa liberdade das grandes contradições e problemas aderidos à sociedade. Nas florestas da Bacia do rio Usumancinta perto das fronteiras do sul do México, ele reuniu-se a um grupo dos Maías, os índios Lacadon,

(Continua na página seguinte)

Arqueologia e o Livro...

(Continuação da página anterior)

que estavam vivendo ainda em condição muito primitiva (5). Casou-se com uma das moças e fez o seu lar com êles.

Depois de viver com êles alguns anos, ganhou a confiança dos índios, e êles lhe falaram sobre Bonampak, situado a 10 ou 15 milhas dali onde êles viviam. Depois de uma grande persistência por parte do Sr. Frey, os índios Lacadons decidiram guiá-lo ao templo das "paredes pintadas", sendo que êle examinou os mesmos com grande interesse. Logo depois daquilo êle visitou a cidade do México onde relatou sua descoberta. Arqueologistas foram mais do que depressa para Bonampak e publicaram artigos descrevendo êste não usual antigo templo com suas "paredes pintadas".

Quando li êstes artigos, eu intimamente e com grande desejo quiz visitar Bonampak para examinar esta maravilhosa descoberta que poderia dar grandes evidências para ajudar a confirmar o que afirma o Livro de Mórmon de que havia pessoas de pele escura e clara aqui na antiga América (6). As chances para eu ir era quase impossível; então, quase que inesperadamente tive a oportunidade para ir lá.

As 5.30 da manhã do dia 18 de janeiro de 1955, Otto Done, um fotógrafo que trabalha para a Igreja, José Dávila, um guia mexicano outrora presidente do ramo de Puebla, e eu descemos de um trem em Tenosique, Tabasco, México, esperando ansiosamente pela luz solar, para empregarmos uma pessoa que tivesse um pequeno avião para nos levar a uma pista de decolagem perto de Bonampak. Lá pelas dez horas já havíamos voado as selvas do México até quase ao limite do extremo sul daquele país e havíamos aterrizado em uma pista de decolagem feita para o uso dos empregados de um ciclo industrial que fornece a substância da qual são feitos os chiclets. O lugar onde aterrizamos é chamado El Sedro. Estávamos naquele momento em uma das mais densas florestas do mundo, onde não havia nenhum povo civilizado e nenhuma lei para governar al-

(Continua na página 29)



Vista aérea das matas e nuvens, antes da aterrissagem e chegada no pequeno aeroporto no meio das selvas, 15 milhas de Bonampak.



Uma corrente de água usada como trilha, no mato, pelos exploradores DR. MILTON R. HUNTER, JOSÉ DÁVILA e o guia NABOR.



Índios Lacadons vendo uma fotografia d'êles mesmos, DR. MILTON R. HUNTER e JOSÉ DÁVILA. Por esta foto, o leitor pode ver, perfeitamente, a estatura dos mesmos. Os três que estão perto do DR. MILTON R. HUNTER, são os primeiros que a expedição encontrou.



PRESIDENTE J. REUBEN CLARK, 2.^o Conselheiro da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

AS REGRAS DE FÊ

Antes da transcrição deste 2.^o Artigo de Fé, queremos aproveitar para dar alguns dados biográficos sobre o

Autor, J. Reuben Clark, Jr.

O PRESIDENTE J. Reuben Clark, Jr. é membro da 1.^a Presidência da Igreja desde abril de 1933, para quem tem devotado toda a sua vida. O Presidente Clark é também advogado, estadista e educador. Hoje, aos 85 anos de idade continua em grande atividade.

Nasceu em 1-9-1871, na comunidade Pioneira de Grantsville, Utah. Em 1889 passou a lecionar, o que fez até 1903, quando entrou para a Columbia University a fim de estudar Direito, tendo se graduado em 1906, ocasião em que foi apontado para servir no Departamento de Estado.

Este foi o começo de uma grande carreira no campo internacional. Exerceu as funções de membro da terceira Hague Conference; The World Desarmament Conference; The Committee of Experts on Edification of International Law e muitos outros notáveis grupos. Tornou-se Sub-Secretário de Estado e foi Embaixador dos Estados Unidos no México, quando foi chamado pela 1.^a Presidência da Igreja pelo Presidente Heber J. Grant. Serviu ao Presidente Grant nos dois postos de 1.^o e 2.^o Conselheiro; foi 1.^o Conselheiro do Presidente George Albert Smith e agora serve no posto de 2.^o Conselheiro do Presidente David O. McKay.

O Presidente Clark foi condecorado na primeira grande guerra com a medalha de bons serviços junto ao

governo americano e em 1934 recebeu o grau de Doutor em Leis pela University of Utah e em 1952 pela Brigham Young University.

Pessoalmente o Presidente Clark é um homem feliz, suas três filhas casadas moram na mesma rua e na mesma quadra onde ele mora, e seu filho, também casado, mora nas proximidades e leciona na B.Y.U., Lucine Savage Clark, sua esposa, faleceu em 1944.

Diariamente, depois do trabalho, o Presidente Clark visita seus filhos, a seguir vai para casa onde possui uma biblioteca, com uma vasta coleção de livros e discos dos mais diversos e famosos compositores clássicos. Uma vez ou outra reúne seus amigos para ouvirem Beethoven, Wagner, Mozart, Brahms e Berlioz.

Quando os seus deveres permitem ele gosta de passar fins de semana em Grantsville, cidade de sua infância, isto, no entanto, acontece muito pouco, pois a Igreja toma quase todo o seu tempo e ele se dedica com amor e devoção.

2.^a REGRA DE FÊ

“NÓS CREMOS QUE O HOMEM SERÁ PUNIDO PELO SEU PRÓPRIO PECADO E NÃO PELA TRANSGRESSÃO DE ADÃO”.

Eora de qualquer dúvida a cristandade evoluiu sobre o fato da queda em relação ao pecado original e seus efeitos sobre a vida e o destino da semente de Adão, através a revelação do Profeta Joseph Smith no trando a grande verdade “os homens serão punidos pelos seus próprios pecados e não pela transgressão de Adão”. O que mostra neste grande pronunciamento é o princípio do livre arbítrio — que o homem é livre para escolher por ele mesmo, entre o bem e o mal, fazendo o bem o homem será redimido, fazendo o mal será punido. Todas as Escrituras, bem entendidas, proclamam esta grande verdade.

A queda afetava todos os espíritos que Deus enviava à esta terra.

Depois de formada a terra os espíritos teriam que vir e provar a mortalidade, provando a eles mesmos

(Continua na página 34)



"Um barulho estranho obrigou-o a olhar para um lado, e se encontrou olhando para um homem alto e esguio, com uma espingarda sob o braço e um sorriso nos lábios...".

Grande Aventura e a Conversão de um Jovem

pelos Presidentes Dilworth Young

II PARTE

SINOPSE:

Jed Colbey trabalhava no mercado de peixeiros. Uma noite, passando pelas docas londrinas, quando retornava para casa, fôra sequestrado e levado para o mar como grunete do navio "Wellington" o navio naufragou nas proximidades de Galveston na República do Texas, e Jed acreditou-se perdido do resto da tripulação, agarrado aos destroços do navio. Ao descerrar as pálpebras, Jed teve os olhos inundados por intensa luz.

GEMEU quando tentou levantar-se mas deitou-se novamente. Sentiu-se como se uma bomba lhe retinisse no cérebro. A lembrança das tempestades e dos esforços debaldados vieram-lhe espaçadamente à memória. Recuperando-se inspecionou o lugar. Não muito longe percebeu a calmaria da maré vazante e os destroços do navio espalhados ao léu e bem perto d'êle estava a escotilha — sua jangada provisória. Deveria ter sido o que lhe batera na cabeça. Ao leste o sol, anunciando a aurora, amarelava o horizonte: esta fôra a luz que lhe perturbara a vista. Êle mesmo ouvira o capitão afirmar que Galveston e Forte Brown situavam-se naquelas bandas, mas onde? Qual a distância? Jed olhou a faixa da praia. Uma longa fila de dunas imitando picos, furavam a praia. Não havia nem sinal de habitação humana, apenas o vento e as árvores; alguns pássaros chamavam do mato, o chamado sem resposta da solidão.

Sabia que precisava comer. Sabia que precisava achar uma vestimenta. Sabia que precisava achar alguém como êle. Histórias de mêdo, relatadas à bordo, a respeito dos horrores praticados pelos peles vermelhas em suas capturas, vieram-lhe à mente. Finalmente decidiu andar. Pondo-se em pé, excitante a princípio entrou na mata. Era uma terra de árvores intercalada de campos abertos, e agora árvores novamente. Jed vagou por horas e horas enquanto o sol chegou ao pico e descampou no poente. Cançado e faminto precisava encontrar ajuda. Não sabia como sobreviver naquela terra desconhecida. Então tomou um atalho que emergia em direção norte. Havia pegadas de veados no caminho. Mas

havia também pequenas pegadas que pareciam um pouco com aquelas deixadas pelas carruagens nas ruas lamacentas de Londres. Estas, concluiu, são de algum cavalo, e verificou que iam para o norte. Cavalos significavam homens, e êle começou, encorajado, a seguí-las. Andar não era fácil, mas continuou até ficar muito escuro, quase não se podendo ver o caminho. Com fome e cansado, deitou-se sob uma árvore e dormiu o sono da exaustão e nenhum animal selvagem perturbou seu sono; nenhum grupo de índios o acordou abruptamente. A mata e a planície o enguliu e apagou todos os sinais de sua presença.

Pela manhã, acordou e disse em voz alta, "preciso seguir aquêle caminho e encontrar os homens que guiavam os cavalos, e tenho que comer". Levantou-se e começou a andar em direção ao norte, cambaleando, tentando evitar o mêdo, mas sabendo que não poderia andar muito mais sem ajuda. Finalmente, sentiu cheiro de fumaça, fumaça significava gente. Gente significava comida. Não demorou muito para encontrar o fogo. Em uma clareira estavam as cinzas do fogo. Em uma pedra chata estava uma panela de carne, ainda quente; seu agradável perfume tentou suas narinas. Ansiosamente, pegou um pedaço de carne e o abocanhou, e então outra vez, e outra vez. Então, sentou-se para comer. Um barulho estranho obrigou-o a olhar para um lado, e se encontrou olhando para um homem alto e esguio, com uma espingarda sob o braço e um sorriso nos lábios.

"Está com fome, rapaz?" perguntou.

"Sim senhor".

"Quem é você?"

"Jed Colby, Jedediah é meu nome verdadeiro".

"E de onde vem você?"

"Fui lançado à praia, de um navio, quando em tempestade. Sou de Londres. Não comi, nem ví ninguém desde então, até que cheguei a êste fogo e a esta comida".

"Bem, agora, ajude-se; naquela outra panela encontrará pão, pão de milho, que seria bom se eu mesmo não o tivesse feito. Já estive nesta parte

(Continua na página 35)



DR. MILTON R. HUNTER e NABOR examinando as ruínas da antiga cidade de Bonampak.

Arqueologia e o Livro...

(Continuação da página 26)

guns dos primitivos índios Lacadons que viviam lá nessa região. Antes que nosso aviador voltasse êle nos informou que nós seríamos loucos se tentássemos escalar o Bonampak. Êle disse, "Se vocês se perderem, vocês não serão os primeiros ou últimos". Recentemente um americano havia se perdido nestas florestas por uns quinze dias. Apesar de seus esforços feito para nos desencorajar, ainda estávamos decididos a escalar o Bonampak. Então o aviador disse, "Se ainda desejam ir, lá está a estrada que vocês devem tomar bem no canto sul oeste da pista de decolagem; entretanto, ainda penso que vocês são uns tolos".

Combinamos com o aviador de encontrá-lo alí na pista de decolagem três dias mais tarde às 10 horas da manhã, dissemos adeus assim que êle levantou vôo, e logo começamos a nossa escalada através de uma estrada muito desigual e difícil.

Aproximadamente depois de uma hora, Otto, José e eu já havíamos quase chegado a conclusão que estávamos perdido, quando encontramos

alguns índios pela estrada e êles tornaram-se nossos guias.

Nossos guias eram duas índias e um índio com mais ou menos quinze anos de idade. Êstes índios tendo ouvido o barulho de nosso avião saíram de suas casas e vieram ao nosso encontro na estrada.

Êles falavam o espanhol e a língua Maia, sendo que o primeiro aprenderam dos trabalhadores daquele ciclo industrial mencionado acima, e como Otto e José sabiam espanhol começaram a conversar com êles.

Depois que as apresentações foram feitas, as índias disseram que elas eram as esposas de um homem chamado Corranza que havia sido morto por um outro membro de suas tribos chamado Obregon. Isto foi muito tocante aos nossos corações. Cá estávamos nós a milhas e milhas da civilização sem uma lei ou oficiais para proteger-nos, de súbito fomos informados que isso havia acontecido. Com uma certa preocupação pergun-

(Continua na página seguinte)



JOSÉ PETIT, um índio Lacadons com os cabelos vermelhos — e quase um homem branco — com a esposa e o filho.
 JOSÉ PETIT e o cunhado de FREY, o descobridor de Bonampak.



Uma índia Lacadons, branca com os cabelos vermelhos.

Arqueologia e o Livro...

(Continuação da página anterior)

tamos: "Porque Obregon matou Corranza?".

A resposta foi: "Porque Obregon estava mentalmente louco".

Em nossos corações havia uma forte esperança e uma oração sincera em como não seríamos nós três as próximas vítimas de Obregon. Não obstante, estávamos bem agradecidos por termos os índios como nossos guias; e assim prosseguimos depositando nossa fé no Senhor.

Nunca em minha vida antes de fazer esta viagem pensei o que seriam as selvas ou as trilhas das selvas. As árvores de numerosas variedades, elevando-se aproximadamente a uns cem pés de altura, quase juntas, estavam entrelaçadas com trepadeiras de várias espécies. Estas não só subiam pelas árvores desde o chão como também cresciam em sentido horizontal tornando a vegetação uma sólida barreira. Observamos que certas variedades de plantas, tais como os filodendrons, que crescem como plantas domésticas em Utah, subiam pelas árvores a cem pés de altura. As palavras são inadequadas para descrever a densidade e a beleza das selvas tropicais do sul do México. Milhares de orquídeas se vêm apegadas às árvores. Quando em pleno floreci-

mento, estas flôres seriam uma delícia para a vista.

Aqui ou ali as trepadeiras cresciam no caminho e atingiam quatro ou cinco pés do chão. Isto nos obrigava a abaixar, especialmente no caso de Otto Done que tinha seis pés e duas polegadas de altura. Por causa da enorme quantidade de fôlhas acumuladas no chão, era, às vêzes, difícil de se distinguir o caminho. Podíamos tanto ir para um lado como para outro pensando que estávamos na trilha.

A vegetação tropical era tão densa, não obstante a intensidade do brilho do sol, que se assemelhava a um crepúsculo através de todo o percurso de nossa jornada. O calor era intenso e a umidade era alta. Nem mesmo fui capaz de usar meus óculos na selva.

Logo ficamos sabendo que os índios Lacadons eram decididamente favoráveis em usar as correntes d'água como trilha, tôda vez que se apresentava uma oportunidade. De vez em quando, durante as primeiras fases de nossa jornada, a trilha cruzava as correntes d'água. Procurá-

vamos andar com todo cuidado, tentando encontrar paus ou pedras para andarmos por cima. Logo nossos pés ficaram encharcados e desde então procurávamos vadear a corrente à moda dos índios quando as encontrávamos. Enquanto seguíamos nosso caminho em direção à Bonampak, a trilha em várias ocasiões seguia realmente as correntes, em seus cursos, por quase cem jardas antes de voltar novamente para a terra. Em certas ocasiões as águas que vadeávamos atingiam até o joelho. A trilha era tão indistinta e difícil de se seguir que sem os nossos guias índios nunca teríamos atingido Bonampak.

Nossos passos se tornavam mais difíceis em certas ocasiões pelo caminho lamacento que nos fazia atolar até o tornozelo. Em outro lugar nossos passos eram embaraçados por quatro ou cinco troncos que caíram um sôbre o outro, estendendo-se em cima da trilha. Como aconteceu haver um buraco bastante grande sob os toros para se passar por êles, os índios deitaram e se arrastaram através dêle. Mas infelizmente para nós

(Continua na página 32)



Índios Lacadons almoçando antes de partir para Bonampak.

sacerdócio

Para o Sacerdócio da Missão

EDITORES: *Presidente Asael T. Sorensen e Elder Shelden L. Elmer*

Honrando o Sacerdócio

por *Joseph Fielding Smith*
Presidente do Quórum dos Apóstolos

UMA das maiores honras que pode vir para os membros da Igreja, é a ordenação e recebimento de um chamado no Sacerdócio. Honra que excede tôdas que possam ser conferidas pelos homens. O Sacerdócio é o Poder de Deus. É a autoridade pela qual nosso Pai Celestial e Seu Filho Jesus Cristo, governam o universo e conservam a ordem. Pelo mandamento de nosso Pai Celestial e através do trabalho de Jesus Cristo, mundos foram criados para habitação dos Filhos de Deus. É por essa autoridade que o Evangelho é pregado e os homens estão aptos a oficiarem as ordenanças.

Se esta autoridade divina não fôsse dada ao homem, o verdadeiro Evangelho não poderia ser ensinado e os dons da Salvação não poderiam ser administrados em nome dos que se arrependem de seus pecados e procuram o Reino de Deus. Os homens não têm autoridade para administrar as ordenanças do Evangelho sem receber um chamado divino. Tôda autoridade assumida e todo convênio humano caminha para um fim, pois o Senhor disse:

“E tudo o que existe no mundo quer seja ordenado por homens, por tronos, quer por principados, poderes ou coisas de renome, seja o que fôr, que não forem por Mim e por Minha palavra, diz o Senhor, serão derribados e não permanecerão depois que os homens morrerem, nem na ressurreição ou depois dela, diz o Senhor teu Deus”. (D. & C. 132:13).

O Senhor declarou que esta autoridade divina não podia ser exercida na injustiça, e devido ao mal, e a indignidade do homem, o poder do Sacerdócio foi perdido nos dias que se seguiram aos Apóstolos.

Falsas doutrinas cresceram na

Igreja, as ordenanças foram alteradas e corrompidas, oficiais determinados pelo homem foram introduzidos e os oficiais e autoridades estabelecidos pelo Senhor foram eliminados dos ensinamentos e práticas, que prèviamente existiam.

Nos dias de Pedro e Paulo, o Sacerdócio foi conferido apenas a homens maduros, porque era a lei imperante, em seu tempo. Da mesma maneira os diáconos e mestres eram casados. Nesta dispensação, em que essa lei não existe mais o Senhor deu aos jovens, o privilégio de receber cargos no Sacerdócio Aarônico. Isto foi um privilégio nos tempos primitivos. Sabemos que Noé, por alguma boa razão, foi ordenado com apenas 10 anos de idade. Nefi antes de 16 anos, evidentemente, possuía o Sacerdócio de Melquizedeque, e José era ainda uma criança quando recebeu esta mesma autoridade divina e foi vendido por seus irmãos quando tinha 17 anos. E foi por esta autoridade que interpretou os sonhos do servo do Faraó e o sonho do Faraó.

Por esta razão o Senhor mandou João Batista para conferir à Joseph Smith e Oliver Cowdery a autoridade do Sacerdócio Aarônico, também Pedro, Tiago e João vieram e restauraram o Sacerdócio Maior ou de Melquizedec.

Cada jovem que é ordenado e recebe o ofício de diácono, mestre ou sacerdote deve sentir-se altamente honrado e deve olhar para a frente, para o tempo em que será ordenado um Elder.

O Senhor disse que todo aquele que é fiel ao Sacerdócio e dignifica Seus chamados, “se tornam filhos de Moisés e de Aarão e a semente de Abraão, e a Igreja é o Reino e o eleito de Deus”, se continua em sua fidelidade até o fim, será abençoado com a plenitude do Reino do Pai. (D. & C. 84:33-38).

Que maior bênção podemos dese-

jar? No entanto devemos, cada um e todos, através da oração, fé e humilde obediência à cada palavra revelada pelo Senhor, procurar esta bênção eterna.

A Conversão, Nossa Grande Necessidade

NA conversão ao Evangelho é a maior necessidade dos jovens e de todos os demais. Não é somente um assentimento espiritual para os princípios do Evangelho os quais temos imaginado, nem é meramente a aquisição de muitos conhecimentos. É a modificação do coração, o processo de ser nascido novamente, daquilo que falamos. É receber a convicção dentro de nossas almas de que o Evangelho é verdadeiro, e que deve ser empregado. É a aplicação do trouxe três ovos. José Dávila perguntou Evangelho. É uma solicitação oculta que virtualmente compele alguém a viver a verdade, sabendo que se fôr realizada de outra maneira será uma ofensa própria. A conversão à verdade é o maior baluarte que podemos ter contra a invasão do pecado em nossas vidas. A conversão dá-nos uma perspectiva na vida o que não temos sem ela. A conversão nos indus a um senso de valores necessários para a avaliação própria de coisas que apelam por nossos interesses, e que nos ascenam duma maneira ou de outra. A conversão dá-nos orientação. Ajusta-nos bem à “bússola”. Põe nossos pés seguramente no chão, de maneira a não haver necessidade de sermos de saletados por qualquer vento que esteja soprando. O valor de uma conversão é rapidamente visto num estudo da vida dos povos. Por exemplo: um homem verdadeiramente convertido à Lei de Ouro não pode nunca ser tentado a roubar de seu irmão, nem assaltá-lo, nem fazê-lo injuriar de nenhuma maneira. Um homem que é convertido à lei da honestidade nun-

(Continua na página 37)

Arqueologia e o Livro...

(Continuação da página 30)

isto não era possível uma vez que carregávamos bastante equipamento. Assim, fomos forçados a atravessar sobre os toros. Eu carregava uma grande câmara cinematográfica à volta de meu pescoço pendurada na frente, uma outra câmara estava pendurada em minhas costas, e cantis de água em cada lado. Otto e José estavam igualmente sobrecarregados com seus fardos que incluíam alimento, rédes e várias câmaras adicionais.

Ao continuarmos nossa jornada ao longo da trilha da selva, tínhamos a impressão que cada trepadeira nos agarrava os pés fazendo-nos tropeçar. Era divertido ver quantas vezes cada um de nós caía, mas nossos guias índios nunca tropeçaram. Minha primeira real e excitante queda deu-se logo depois que os índios se juntaram a nós. Estávamos tentando atravessar uma corrente por sobre uma tora coberta de musgo liso e esverdeado. Quando cheguei bem no meio, meus pés deslisaram, e caí na água. Tão rápido quanto pude segurei ambas as câmaras bem alto para fora d'água enquanto fazia esforços para sair da água. Como riram os índios! Aquela desventura proporcionou-lhes o maior divertimento enquanto estivemos com eles. Andávamos através das selvas por aproximadamente duas horas depois das índias e do menino nos encontrarem, antes de chegarmos à sua casa. Convidamo-las a seguir até Bonampak, mas elas declinaram, dizendo que os dois homens daquela casa provavelmente iriam conosco se esperassemos que eles voltassem da caçada de aves. Naturalmente que esperar era a nossa única escolha. Contudo, isto nos proporcionou uma oportunidade incomum para estudarmos os índios Lacadons em primeira mão.

Os dois homens, suas várias mulheres, e os dois rapazes viviam em duas casas cobertas de sapé que ficavam no centro de uma clareira aberta nas selvas. Um rio de águas espumantes corria próximo. Aproximadamente dez acres de terra produziam bananas, batata doce, milho, cana de açúcar, abóboras, fumo, e mamão,

para a subsistência dos índios. Observamos que este pequeno grupo de nativos tinha doze cachorros, um bando de cabras, grande quantidade de galinhas, vários perus e um casal de papagaios. Estes últimos ficavam em uma árvore e serviam como "chamas" para atrair outros papagaios que os índios matavam para alimento de acordo com seus desejos e necessidade.

Uma vez que havia somente dois rapazes de aproximadamente 15 anos de idade naquelas duas famílias de provavelmente oito mulheres, era aparente que a mortalidade infantil ali era bastante alta. Os índios Lacadons um povo tendente ao desaparecimento. O finado Dr. Morley declarou que existe aproximadamente duzentos deles, mas nossas cuidadosas pesquisas nos leva a concluir que não existem mais do que uma centena.

Ao sermos convidados para entrarmos nas pequenas cabanas de sapé dos índios, observamos que eles não tinham cama nem mobílias; contudo, possuíam alguns pratos e um moinho para triturar o milho. Parecia que toda a família provavelmente se agrupava à noite num pequeno colchão de palha que jazia a um canto. Sua extrema pobreza tocou nossos corações, e assim demos a eles todas as pequenas coisas que tínhamos nos bolsos e lamentamos não termos mais o que dar. Por exemplo, dei um prendedor de roupa à mulher que o grupo chamava de "vovó". Ela se mostrou satisfeita e dois dias mais tarde ela ainda o tinha em suas mãos. Demos também a eles pentes, canivetes, vidros de pastilhas, sabão, sal, pilhas de lanterna, uma pistola, e várias caixas de balas. Esta primitiva famílias era tão feliz como as crianças no dia de Natal.

Enquanto esperávamos os homens regressarem da caçada, Otto Done, usando uma câmara em miniatura, tirou fotografias dos índios. Eles viram sua própria figura com assombro e exclamavam: "Quem é este"? Era uma nova experiência para eles.

Provavelmente a única coisa que me impressionou mais acerca dos índios Lacadons foi a brancura de sua pele. Uma das mulheres na realidade tinha cabelos vermelhos, e sua pele

era tão branca quanto a nossa. A cor dos outros que vimos variava de branco a ligeiramente escuro.

Quando em visita à Guatemala aproximadamente três semanas antes de nossa viagem para Bonampak, fui informado por um oficial guia que, de modo geral, os índios Quiche Maia da Guatemala eram quase brancos, e que havia uma outra tribo de índios — um povo primitivo e selvagem que vivia nas selvas ao sul do México, conhecido como Lacadons — que eram realmente brancos. Quando recebi a informação precedente, não tive a menor idéia de que eu teria o privilégio de associar-me por três dias com estes últimos, mas de repente e inesperadamente nos achávamos sendo entretidos por eles.

Os índios Lacadons são pequenos em estatura; os homens têm aproximadamente 4 e meio a cinco pés de altura e as mulheres seis polegadas a menos. A maioria deles têm cabelos pretos. Tanto a mulher como o homem repartem seus cabelos ao meio, permitindo-lhes crescer e cair soltos sobre seus ombros. Simplesmente eles o puxam de cada lado da face. Seus cabelos têm a aparência de raramente serem penteados e, raramente, se muito, de serem lavados; por isso José Dávila deu às mulheres uma barra de sabão e ensinou-lhes como lavar suas cabeças.

As roupas usadas por ambos os sexos são feitas de lonas que parecia do mesmo tipo que usávamos para fazer nossas tendas. Provavelmente estes índios herdaram tendas deixadas nas selvas por trabalhadores, das quais fizeram suas roupas; mas uma vez que o finado Dr. Morley sustenta que os índios Lacadons faziam um certo tecido grosseiro de uma espécie de algodão silvestre que crescia nas selvas, realmente eles bem poderiam ter feito essas lonas semelhantes à roupa (?).

Homens, mulheres e crianças, todos usavam vestes similares, que caíam soltas desde o ombro até os tornozelos. Uma vez que os homens não têm praticamente barbas, é difícil distingui-los das mulheres; contudo os homens são ligeiramente maiores e mais espadaudos.

Naturalmente que minha expe-

(Continua na página seguinte)

Arqueologia e o Livro...

(Continuação da página anterior)

riência com esses índios fizeram-me recordar o relato do Livro de Mórmon sobre os Nefitas: "um povo claro e apreciado" (8). Embora os índios Lacadons sejam quase brancos, é evidente que eles se tenham degenerado grandemente dos padrões culturais de seus predecessores dos dias do Livro de Mórmon.

Esperamos mais de uma hora para que os homens regressassem de sua caçada. À sua chegada, o mais velho, pai dos outros homens, anunciou seu nome Nabor e de seu filho Juan. Realmente eles consentiram em nos guiar ao templo das "paredes pintadas" sob a condição de esperarmos até eles comerem.

Quando a refeição foi servida, todos os membros da família tomou várias vezes uma papa ou mingau tirado de uma grande terrina.

Uma vez terminada a refeição, Otto, José, e eu, acompanhados de Nabor e Juan, nossos guias, rumamos ao longo da trilha das selvas em direção à Bonampak. Após caminharmos por duas horas, repentinamente chegamos a uma clareira onde havia duas cabanas de sapé situadas à margem de um belo rio. Estas eram o lar de José Petit e família.

Solicitamos a essa família a permissão para tirarmos sua fotografia; a isto José Petit (outro índio de cabelos vermelhos, previamente mencionados) consentiu. Uma das mulheres de sua casa recusou posar para uma fotografia, dizendo: "não, não tenho uma roupa decente". Eu desejava saber o que a fez ter tal idéia caprichosa, pois suas vestes eram feitas de lonas e pareciam exatamente semelhantes às vestes dos outros índios Lacadons. No outro dia, após inquirição, soubemos que essa mulher índia havia sido a esposa do finado Charles Frey, o americano descobridor de Bonampak.

Aproximadamente dois anos antes de nossa visita à Bonampak, Charles Frey era guia de um grupo de artistas mexicanos ao templo das "paredes pintadas", ao iniciar uma segunda viagem para lá. Ao cruzar o rio cerca de uma milha abaixo da casa de José Petit, o bote virou, afo-

gando o Sr. Frey e um dos mexicanos. Foram enterrados cerca de uma milha rio abaixo da casa de José Petit.

Juan nos atravessou o rio em um barco que foi feito do tronco de uma árvore. Então continuamos a nossa jornada pelas selvas por mais uma hora. De repente nossos guias índios pararam e disseram: "vamos para casa. Estamos próximos da casa de Obregon. Ele os guiará até Bonampak. Não queremos vê-lo". Não tínhamos maior desejo de ver Obregon do que nossos guias índios, e assim respondemos: "contratamos os seus serviços, não os de Obregon, para nos levar a Bonampak, e vocês terão de fazê-lo; doutro modo não receberão qualquer presente".

Demos-lhes uma caixa de balas e os persuadimos um pouco mais. Finalmente consentiram em continuar conosco sob a condição de que não permitíssemos que Obregon se juntasse a nós. Asseguramos-lhes que não o permitiríamos; de fato, eramos tão opostos a que ele nos acompanhasse quanto eles mesmos.

Logo depois a trilha dava para uma pequena clareira na selva e lá bem a nossa frente ficavam duas cabanas de sapé. Obregon — semi-desdido a não ser pelo seu calção — estava rindo deitado à sombra de umas árvores. Seus cachorros latiam vigorosamente a nossa aproximação. Ao nos ver Obregon imeditamente ficou de pé, abraçou-me fazendo-me carinho. Um calafrio subiu e desceu pela minha espinha quando recordei que esse homem era um assassino. Fiquei mais aliviado quando ele retirou seus braços e vi que ele não tinha uma faca em suas mãos. Meu desejo era livrar-me da companhia desse índio agressivo o mais breve possível. Ele perguntou: "para onde vão vocês"?

Respondemos: "para Bonampak".

Então ele disse: "eu irei com vocês".

Com firme determinação responderia experiência, e do caminho que iremos.

"Por que não?", perguntou ele.

"Porque contratamos esses índios para nos levar", dissemos.

Ainda assim ele insistiu em ir conosco, mas decididamente dissemos

que não queríamos ir com ele. Decididamente ele não iria conosco para Bonampak. Usei de toda persuasão que pude para convencê-lo. Finalmente ele abrandou-se e nos convidou a vir a sua casa em nossa volta e "escrever nossos nomes e endereços em seu grande livro". Estava claro que seu principal intento era ter uma outra oportunidade de tentar obter alguns presentes de nós, que em nossa conversação anterior recusamos dar-lhe.

Tão rápido quanto pudemos, nos afastamos de Obregon e continuamos nossa jornada em direção a Bonampak. Quando estávamos aproximadamente a uma hora de viagem de nossa meta, a noite caiu. Prendemos nossa barraca à algumas árvores. Não havíamos trazido camas, e assim, molhados e exaustos, deslizamos para nossas rédes esperando ter uma noite de sono tranqüilo. O intenso calor tropical do dia foi logo substituído pelo frio da noite. Um vento soprou de repente através da densa folhagem, tornando o tempo bastante frio. De fato, para nossa surpresa, logo após termos subido para as nossas rédes, ali estávamos tremendo de frio.

Nabor e Juan acenderam um pequeno fogo e ficaram à sua beira toda a noite. Várias vezes tive bastante vontade de juntar-e a eles mas resisti, e fiquei toda a noite na rede sem conforto, com frio e a maior parte do tempo acordado.

De vez em quando, durante a longa e tenebrosa noite, os pensamentos povoavam a minha mente: "que tolos eramos nós dois, pois que aqueles índios tinham armas e nós estávamos completamente indefesos em nossas rédes. Eles podiam com facilidade nos alvejar a qualquer momento, tirar nossos alimentos e ninguém teria sabido onde teríamos ido". Então procurei afastar aqueles desagradáveis pensamentos e imaginar que o Senhor nos protegeria, o que eu gostaria que Ele fizesse.

Um outro fator incomum para nós, em dormir nas selvas, era a variedade dos sons sobrenaturais que continuamente enchiam o ar. De vez em quando um galho caía de uma árvore e se estatelava no chão. Maca-

(Continua na página seguinte)

Arqueologia e o Livro...

(Continuação da página anterior)

cos selvagens faziam uma algaravia, e gritavam; e uma numerosa variedade de pássaros emitiam uma diversidade de sons de acordo com a sua natureza. Também o pensamento em jacarés, cobras, aranhas e outros habitantes das selvas eram fatores irritantes para perturbar a nossa noite. Aquela foi uma das mais longas e mais desagradáveis noites que jamais passei. Ficamos bastante contentes quando veio a manhã e pudemos prosseguir nossa viagem para Bonampak.

Finalmente chegamos ao templo das "paredes pintadas", que será descrito no próximo artigo. Nossa emoção ultrapassava a descrição. Tiramos fotografias das pinturas de pessoas escuras e ligeiramente claras e então voltamos para as casas dos índios onde chegamos às 3,30 horas da tarde.

Disseram-nos que a distância do local onde o avião desceu até Bonampak era de 30 milhas. Após termos feito a jornada, e segundo nossa própria experiência, e do caminho que seguimos, concluímos que uma cifra foi omitida — a distância era de 300 milhas. Se alguém duvidar desses dados, poderá fazer jornada igual e por si mesmo verificar ou desaproveitar as nossas conclusões.

Ao chegarmos nas casas dos índios, naturalmente nossa primeira preocupação foi o alimento, uma vez que nossas rações estavam limitadas a duas pequenas salsichas cada um durante aquele dia e parte do outro. Imediatamente pedimos às mulheres índias que nos preparassem alguma comida. Em resposta uma delas nos tou: "cozido ou cru"?

Ela respondeu: "cru".

Ele então disse: "volte e coisa-ou".

Imediatamente ela obedeceu, e logo depois voltou não só com os três ovos mas também com algumas tortillas. Com alegria peguei o ovo cozido, mas ao olhar para aquelas mulheres índias, disse: "não eu não quero nenhuma tortilla". Mas meu estômago não acreditava nas palavras

proferidas pela minha boca, e assim mudei de decisão e disse: "bem, vou tirar uma". Comi-a e concluí que era o mais delicioso bocado que jamais havia experimentado. Então eu disse: "ficarei contente de tirar mais uma", e aquela era tão deliciosa quanto à primeira. Após isto as mulheres índias providenciaram bananas para sobremesa.

Uma vez que não iríamos encontrar o avião na pista senão até 10 horas do dia seguinte, os índios Lacadons insistiram para que ficássemos em suas casas aquela noite, prometendo que eles nos guiarão até a pista no dia seguinte. Generosamente eles nos ofereceram uma cabana de sapé, aberta, para pendurar as nossas rédes. Essa cabana ficava à margem do rio oposto as suas casas.

A noite veio, e fomos para as nossas rédes. As dez horas da noite ali estávamos outra vez balançando e tremendo de frio, como havíamos estado na noite anterior. José saiu de sua rede e acendeu um fogo para nos aquecer. Depois daquilo através da noite conservamos, por turno, o fogo aceso, sendo portanto, mais prudentes do que o havíamos sido na noite anterior.

Às 6 horas levantamo-nos e, acompanhados por Nabor e Juan, suas mulheres, as duas crianças e todos os cachorros, rumamos para a pista do avião. Aproximadamente três horas mais tarde chegamos, observando que estávamos meia hora adiantados do tempo marcado. Nosso aviador, contudo, estava quatro horas atrasado. Ele desculpou sua demora dizendo que não esperava que nós estivéssemos ali, imaginando-nos perdidos na floresta.

Otto, José, e eu estávamos felizes por termos visto as "paredes pintadas" que nos deu confirmação adicional das afirmativas do Livro de Mórmon de povos escuros e ligeiramente claros que viveram na antiga América.

(5) Matthew W. Stirling, "Monumento de Pedra do Sudoeste do México" (Bureau of American Ethnology, Smithsonian Institution, *Bulletin* 138), Washington, 1943, pág. 61.

(6) Dr. M. Wells Jakeman, *Bulletin of the University, Archeological Society*, Provo, Março de 1953, págs. 26-49.

(7) Morley, op. cit., p. 180.

(8) Ne. 30:6.

(Continua no próximo número)

As Regras de Fé

(Continuação da página 27)

"o cumprimento de tôdas as Vontades do Senhor seu Deus".

Esta era uma experiência terrena e não meramente uma experiência espiritual.

A vida pre-mortal, no mundo dos espíritos, foi chamada de primeiro estado, os que não conservassem este primeiro estado não teriam glória no mesmo reinado que os que conservassem, os que conservassem o seu segundo estado — a existência terrena — "seriam glorificados para todo o sempre".

Quando Adão e Eva foram colocados no Jardim, dois problemas foram colocados em suas frentes, um os deixaria no Jardim e o outro os levaria à morte, eles teriam que escolher por si mesmos. Escolheram aquele que os levaria à morte e assim puseram o destino planejado no Grande Conselho dos Céus e Eva assim cantava no seu hino de agradecimentos: "se não tivéssemos transgredido não daríamos a semente e não conhecido o bem e o mal e teríamos gozado da alegria de nossa redenção e vida eterna, a qual Deus trouxe aos obedientes. Pela escolha, Adão e Eva tornaram-se mortais.

Desta maneira sofreram dois enganamentos ao mesmo tempo, a morte física do corpo e do espírito e o seu afastamento da presença do Senhor.

Em relação à morte física foi preparado um plano no começo, para a redenção total. Assim, todos os homens deveriam ser redimidos da morte sem qualquer ato de sua parte. Esta redenção foi trazida por Cristo para nós. Da segunda morte — a morte espiritual ou o afastamento total da presença de Deus, ficou acertado "que o homem podia redimir-se provando-se a si mesmo", pela obediência a tôdas as coisas as quais o Senhor seu Deus lhes ordenasse.

O livre arbítrio foi preservado, o homem poderia escolher o bem e ser redimido ou o mal e ser punido.

Deus disse: "Porque, eis que esta é a Minha obra e Minha glória: conseguir a imortalidade e vida eterna do homem". (Moisés 1:39).

A Grande Aventura...

(Continuação da página 28)

do país, antes? Não? Não conhece os índios, os mexicanos? Não? Não sabe que há uma guerra? Não faz ainda uma semana que os rapazes do Forte Brown expulsaram cinco mil mexicanos e judiaram bastante deles. Eu e meus companheiros estamos levando mensagens para o general Kearney do general Zachary Taylor. Vimo-lo subir a colina, lá trás, e queríamos saber o que estava fazendo antes, antes que nos alcançasse”.

“Me viram subir a colina? Não notei nenhuma colina”.

“Talvez não, mas nós vimos você muito bem, Joe”.

Detrás de um tronco que servia perfeitamente de esconderijo, surgiram as figuras de cinco outros homens, cada um com sua espingarda apontada e engatilhada. Então, rindo do medo que Jed provocara, todos aproveitaram a refeição de pão de milho e carne.

Jed logo soube que tinham deixado Galveston dois dias antes e estavam andando pela costa para determinar o caminho para Santo Antônio. Tendo antes cruzado o país para Santa Fé. Eram homens da planície, homens da espécie que Jed nunca vira antes, uma espécie peculiar, nascida e criada em uma região selvagem, tendo as pedras e montanhas, as árvores e flores, os pássaros e feras como seus livros. Jed gostou de sua disposição brincalhona enquanto limpavam o acampamento. De algum lugar, um deles trouxe mulas, às quais ataram sacos esquezitos. Jed notou também que as patas pequenas das mulas eram do tamanho exato das marcas que vira no dia anterior, e concluiu, acertadamente, que eles eram os animais que as tinham feito. Na realidade, pareciam com os burrinhos que ele vira em Londres; pareciam mais fortes e maiores. Enquanto estava ocupado, observando as mulas, os homens reuniram-se em círculo. o chefe começou o assunto que tinham em mente.

“O que faremos com o rapaz?”.

“Vamos mandá-lo para Galveston”.

“Não podemos fazer isso. Os índios podem atacá-lo”.

“Vai arranjar encrenca para nós, com essa viagem”.

“Eu não acho. Se o que fez é verdade, é forte bastante para suportar. Aposto que podemos torná-lo igual a nós. Vamos levá-lo. Pode montar a Betsy”.

Todos concordaram com acenos afirmativos.

O chefe chamou Jed.

“Ei, você, Jed. Tem alguma idéia de onde está?”.

“Não”.

“E para onde pretende ir?”.

“Não, só sei que quero ficar com vocês!”.

“Bem, se fizer isso, terá uma caminhada dura, cheia de obstáculos, e pode ser morto pelos índios. Gostaria de ter seu crânio pendurado em sua oca!”.

“Não há outro lugar para ir e gostaria de ficar com vocês, se me levassem”.

“Claro, levaremos você para Santa Fé, e lá pode tomar uma caruagem para os Estados Unidos e talvez, através dele, gostará tanto do oeste que desejará ser um montanhês e fazer amadilhas para castor. Dizem que as montanhas são o melhor lugar, mas prefiro as planícies, onde se pode ver quem se aproxima, antes de cortarem nossas cabeças. Meu nome é “Skinner” mas me chamam de “Jim” e todos estes outros você conhecerá com o tempo; são bons homens e conhecem as planícies, podem ler sinais”.

“Que sinais-”.

“Logo aprenderá. Joe, mostre a este rapaz como se arreja u’a mula, e vamos andar”.

Jed arreiou u’a mula pela primeira vez e foi ajudado para montar o animal. Seguiu logo atrás da fila de homens à cavalo e animais de carga, como pôde, enquanto cobriam as milhas através da mata, campos abertos, caminhos, colinas, e rios. Nos primeiros dias doeram-lhe tôdas as juntas e ficava contente com o fim do dia, quando o chefe da expedição dizia: “alto”. Então, as mulas eram soltas em pastos de capim verde, e podia cair de costas e não fazer nada. Quando os dias se tornaram semanas, se acostumou com o trabalho, e começou a apreciar a liberdade. Sua habilidade em montar desenvolveu-se

e se tornou mesmo um prazer. Logo começou tornar-se útil para arrear os animais, fazer fogo, cozinhar a comida comum e aprendeu também os caminhos íngremes dos homens que não davam atenção à fadiga, ao frio, umidade, tempestades. Viu as faces estoicas dos que, injuriados, não demonstravam dor, meramente balançavam os ombros, passando avante. Homens que eram homens. Nenhum podia ser esquecido. Nenhum podia mostrar-se covarde. Aprendeu muito sobre como viajar em um país, com seus companheiros de caminhada, de cujas histórias em que viam a morte de frente, o agradavam muito.

A pequena caravana ia para noroeste, sob o sol do Texas.

Logo Skinner levantou a mão dizendo “alto”, o que fez com que todos se colocassem em círculo ao seu redor.

“Caminho principal dos índios... Parece ser Comanche, mas os Apaches estão próximos também”.

Lá estavam os caminhos das planícies do México se estendendo para o sul. Havia vinte e quatro marcas profundas de cavalos puxando carroças. O caminho era largo e marcado. Tinha quase um quarto de milhas de largura. Pelo que se podia notar, eram marcas feitas há pouco. A qualquer momento podiam ser atacados. Skinner deu rápidas instruções. As mulas foram atadas em quatro, e um homem encarregado de cada grupo, unindo a todos. Não poderia haver nenhum isolado; todos deveriam permanecer tão unidos quanto possível; com apenas seis dependentes, três deveriam atirar juntos para que sempre houvesse espingardas carregadas, mas nenhum deveria atirar sem que fôsse avisado antes. Deveriam seguir sem serem descobertos, mas era provável que não conseguiriam. O importante era não serem cercados com suas armas vazias. Então, antes que algo pudesse ser dito, surgiram nas montanhas os índios. Eram mais ou menos cem, todos empunhando seus arcos e flexas e fazendo ameaças mas conservando-se fora do alcance das balas. O chefe andou a uma certa distância e lhes pediu uma “conversa”. Skinner andou até ele e lhe falou num espanhol confuso.

(Continua na página seguinte)

A Grande Aventura . . .

(Continuação da página anterior)

“Onde ir?”, perguntou o chefe.

“Vamos à Santa Fé encontrar o chefe branco. Por que nos parou? Nós somos americanos e não mexicanos. Representamos o grande Pai branco e desejamos paz”.

“Não quer lutar com americanos. Nachi bom chefe, gosta americanos. Você dá papel dizendo eu ser bom para americanos”.

Skinner sentiu-se aliviado quando ouviu o índio se apresentar, porque conhecia o apache Nachi, pela sua fama.

“Meus homens querer lutar, Gomez quer lutar!”.

“Gomez está em seu grupo?”.

“Gomez aquê”, apontando para um dos índios mais ativos, cavalgando para cá e para lá, gritando e brandindo seu arco no ar.

Pareceu, então, que a vontade de Gomez era mais forte que a de Nachi e subitamente fêz seu cavalo galopar e, seguido por um grupo, avançou para eles desafiadoramente. O pequeno grupo de homens brancos rapidamente, se moveram para uma colina, onde pudessem se defender, deixando Skinner conversando com Nachi. Conservando suas mulas bem juntas, olhando em todas as direções, com as armas prontas.

“Apenas três tiros de cada vez”, ordenou Joe “e apenas quando Skinner der o sinal”.

Os índios cercaram mas não houve nenhuma bala atirada. Se aproximaram de Skinner e Gomez o ameaçou.

“Vamos matar você”.

Skinner disse que matasse, mas se ele o fizesse Nachi morreria também, e apontou seu revólver para a cabeça de Nachi. Foi um momento de tensão. Cem apaches, armados com arcos, flechas e facas mantiveram a distância de seis armas, por algum tempo. Ninguém sabe por quanto tempo. Finalmente o conselho de Nachi prevaleceu e Gomez dirigiu seu grupo para um lugar mais afastado. Nachi, sem sinal algum de emoção, naquele momento tão próximo à morte, dirigiu-se a Skinner.

“Vocês acampar perto minha taba. Eu não deixar Gomez lutar hoje, amanhã vocês ir embora, eu não deixar Gomez amanhã, depois você correr senão êle pegar você”.

Eles acamparam naquela noite em uma colina, a uma distância de um tiro da tribo, se houvesse qualquer traição, poderiam incendiar as casas. Ninguém dormiu; todos se sentaram na escuridão, as armas prontas.

Na manhã seguinte Nachi disse para Skinner:

“Eu escoltar vocês até a fonte. Então vocês ir”.

“Iremos sim, e muito obrigado”.

Cavalgaram todo o dia para o norte em direção às montanhas distantes, azuis contra o horizonte, com Nachi dirigindo. Seguindo, a uma distância respeitável estavam cinquenta pessoas do grupo de Nachi. Skinner explicou aos outros a estratégia.

“Acamparemos na fonte, à noite. Logo que Nachi partir nos prontaremos para uma grande marcha, e quando escurecer iremos direto para o norte, por toda a noite. Gomez tentará nos apanhar de surpresa no Passo de Guadalupe. Iremos para o norte e venceremos as montanhas por outro caminho”.

As três horas da tarde Nachi disse “alto”.

“A fonte ser logo ali. Nós voltar daqui. Gomez andar depressa amanhã”.

Assim, virou-se e foi embora, seus cavalos levantando alto a poeira enquanto andavam.

“Se Gomez não soubesse onde estávamos antes, agora com certeza sabe”, disse Skinner observando os índios que se retiravam. “Com certeza, olhem lá”. Enquanto falava um rôlo de fumaça subia para os céus. “Veremos uma porção deles em alguns minutos”.

Caminharam para a fonte que se aninhava em um pequeno leito. “Jed, você vigia daquela colina alta. Não fique de pé, suba a colina, deite-se e conserve-se deitado, se vir alguma coisa se aproximando, apenas grite”.

Jed engoliu em seco. A colina estava a alguma distância e êle sentiu que era muito longe do ponto seguro.

Mas devia ter coragem! Subiu a colina e logo teve uma ampla visão da região circunvizinha.

“Vê alguma coisa?”, gritou Skinner.

“Três rolos de fumaça”.

“Onde?”.

“Um a leste, outro ao sul e outro a sudoeste”.

“E no norte?”.

“Não, ainda”.

(Continua no próximo número)

Sua Dúvida

(Continuação da página 22)

“Também a Minha mão fundou a terra, e a Minha destra mediu os céus a palmos; Eu os chamarei, e parecerão juntos”. (Ibid. 48:12-13).

Lemos nos Salmos: “Assenta-te à Minha mão direita, até que ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés”. (Salm. 110:1; Mat. 22:44). O Senhor, falando aos Seus discípulos um pouco antes da sua morte, disse-lhes:

“E quando o Filho do homem vier em sua glória, todos os santos anjos com êle, então se assentará no trono da sua glória;

E todas as nações serão reunidas diante d'Êle, e apartará uns dos outros, como o pastor aparta dos bodes as ovelhas;

E porá as ovelhas à Sua direita, mas os bodes à esquerda.

Então dirá o Rei aos que estiverem à Sua direita: vinde, benditos de Meu Pai, possuí por herança o Reino que vos está preparado desde a fundação do mundo;

Porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedaste-me;

Estava nú, e vestiste-me; adoeci, e visitaste-me; estive na prisão, e fostes ver-me.

Então os justos lhes responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome, e te demos de comer? ou com sede, e te demos de beber?

(Continua na página seguinte)

Sua Dúvida

(Continuação da página anterior)

E quando te vimos estrangeiro, e te hospedamos? ou nú, e te vestimos?

E quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos ver-te?

E, respondendo o Rei, lhes dirá: Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.

“Então dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos;

Porque tive fome, e não me destes de comer, tive sede, e não me destes de beber;

Sendo estrangeiro, não me recolhastes; estando nú, não me vestistes; e enfermo, e na prisão, não me visitastes.

Então eles também lhe responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome, ou com sede, ou estrangeiro, ou nú, ou enfermo, ou na prisão, e não te servimos?

Então lhes responderá, dizendo: Em verdade vos digo que, quando a um destes pequeninos o não fizestes, não o fizestes a mim.

E irão estes para o tormento eterno, mas os justos para a vida eterna”.

Há inúmeras passagens nas Escrituras, referindo-se à mão direita, indicando que ela é um símbolo de justiça, e foi usada na criação dos convênios. Quando o Salvador foi levado à presença do sumo sacerdote, escribas, e anciões, o sumo sacerdote lhe disse: “conjuro-Te pelo Deus vivo que nos digas se Tu és o Cristo, o Filho de Deus”.

Replicando, disse-lhe Jesus: Tu o disseste; digo-vos, porém, que vereis o Filho do homem assentado à direita do Poder, e vindo sobre as nuvens do céu”.

Quando Estevão foi apedrejado, ele fixou os olhos no céu e viu a glória de Deus, e Jesus, que estava à direita de Deus. (Atos 7:55).

A mão ou o lado direito são chamados a destra, e o esquerdo é o sinistro. A destra envolve algo favorá-

vel; o sinistro, algo desfavorável ou funesto.

É uma prática bem usada na Igreja a participação do sacramento com a mão direita, como também apontar com a mão direita.

De acordo com o costume sobre o qual as Escrituras falam, ele é, e sempre foi, aprovado por preceito divino.

O Sacerdócio

(Continuação da página 31)

ca deturpa qualquer coisa num negócio. Um convertido à lei da castidade não pode nunca perder sua virtude, nem depravar alguém mais desta grande e divina bênção. Não pode nunca acariciar, nem fazer qualquer outra espécie de acesso indecente a qualquer pessoas. Um convertido ao princípio que nos ensina a honrar os pais não pode nunca faltar em mostrar-lhes respeito. Se os pais consideram sem o valor da conversão, almejaríamos ter em casa um filho convertido à verdade. Que conforto seria aos pais. Que proteção às crianças. Um filho ou filha verdadeiramente convertido sempre procuraria boas companhias, não fumaria, não beberia, sempre protegeria a virtude, nunca roubaria. A violação dessas coisas é que ferem o coração dos pais e destroem a felicidade da juventude. Se os pais pudessem somente ver esse valor, poderiam tomar as diligências para que o coração de seus filhos fosse por eles mesmos salvos da vereda da ruína. Mas pelo que se vê, poucos pais vêm-na nesse aspecto. Assim muitos filhos deixam de receber essa conversão.

Como podemos realizar esse grande objetivo?

No campo da missão, nossos missionários ensinam o Evangelho ao povo. Entram por convite, sentam-se e conforme a Sagrada Escritura, lógica e diligentemente ensinam os princípios do Evangelho aos membros da família que está sendo visitada. Então ensinam a fazer com que seus testemunhos da veracidade desses princípios nasçam. Oram com eles e os encorajam à orar, a estudar e a investigar.

(Continua na página 43)

“Buscai... nos melhores Livros... palavras de sabedoria”, D. & C. 88:118.

AUMENTE A SUA BIBLIOTECA

Adquirindo os melhores Livros dos Santos dos Últimos Dias

UMA OBRA MARAVILHOSA E UM ASSOMBRO

LE GRAND RICHARDS Cr\$ 150,00

A GRANDE APOSTASIA

JAMES B. TALMAGE Cr\$ 15,00

PRINCÍPIOS DO EVANGELHO

T. EDGAR LYON Cr\$ 25,00

O LIVRO DE MÓRMON

Cr\$ 60,00

O QUE SIGNIFICA SER UM SANTO DOS ÚLTIMOS DIAS

REISER E. MERKLEY Cr\$ 25,00

Pede-se obter estes livros do Presidente do Ramo em sua cidade, ou remetendo a devida importância à “ALIAHONA”, Caixa Postal, 862, S. Paulo, S. P.

N. B. — No caso de os livros serem remetidos pelo Correio, cada livro sofrerá o acréscimo de Cr\$ 5,00 para as despesas de remessa.



IRMA ILSA OTTO.

JOINVILLE Iiso R. Otto

NASCI na pequena cidade de Joinville, onde fui criada e educada. Desde muito criança fui à Igreja Luterana, a qual era a religião de minha mãe. Meu pai foi doutrinado na Igreja Adventista do Sétimo Dia, mas não se acostumou com as doutrinas pregadas, naquele tempo, nas Igrejas da cidade. A êle desgostava o fumo, a bebida, etc.. Ansioso procurava algo, até que no ano de 1929 ouviu falar de uns jovens missionários americanos que estavam na cidade. Como sempre procurava a verdade, logo entrou em contacto com êstes jovens. Gostou dêles, e não demorou muito os convidou para fazerem uma visita em nossa casa, onde começaram dar aulas de Evangelho, para as quais o meu pai convidou toda a vizinhança. Conhecendo as escrituras da Bíblia, meu pai fêz perguntas aos jovens, admirando-se da sabedoria dos mesmos, que haviam deixado estudos, empregos, pais e noivas em terra distante, para servirem à Deus, sem recompensa de dinheiro em troca do que estavam pregando, e mais admirava ainda, ao saber, que êtes jovens não haviam freqüentado colégios para serem pastores e missionários, mas sim pregavam o

Evangelho com um testemunho que Deus vive e que Jesus Cristo é o Filho de Deus.

Meu pai queria ser batizado mas a minha mãe não concordava ainda, porque ela não podia compreender a lei do dízimo. Meu pai, juntamente com os missionários convenceram-na que a lei do dízimo é a lei que Deus nos deu e se observassemos a mesma com fé, seríamos abençoados. Assim, no dia 9 de janeiro de 1930 fomos batizados, menos o meu irmão. Meu pai, naquele tempo, achava-se o homem mais feliz e participou a sua alegria com todos os seus conhecidos. Mas, parece que Deus tinha outros planos para com êle, quando em junho do mesmo ano, chamou-o junto a Si. Logo depois do falecimento de meu pai, o meu irmão foi batizado junto com a minha mãe. Fomos sempre à Igreja e procurávamos viver os mandamentos de Deus. As minhas irmãs casaram-se, uma delas mudou para São Paulo e a outra ficou em Joinville. Só mamãe e eu estávamos em casa com meu irmão, quando o mesmo adoeceu em 1938 e faleceu em 1939. Minha mãe e eu fomos à São Paulo, onde minha mãe ficou morando em casa de minha irmã casada, por algum tempo, e eu trabalhava. Sendo muito jovem ainda, procurei amizade com moças não membros de nossa Igreja, e não demorou muito, em vez de ir à Igreja e guardar o dia do Senhor, fui dançar e ao cinema. Com isto, deixei de guardar a Palavra de Sabedoria, sabendo que eu estava errada, mas não tinha força suficiente para abandonar o café, vinho, etc.. Não fui mais à Igreja por muitos anos. Um dia estando eu em casa, duas missionárias bateram à minha porta, e quando lhes abri a porta declararam-se missionárias da Assembléia de Deus. Eu as convidei para entrar, e começamos a falar sobre religião, pois eu ainda sabia que a nossa Igreja era a verdadeira, e isto era tudo o que eu sabia. Percebi então a minha ignorância, pois não sabia lhes explicar o que a Igreja de Jesus Cristo ensinava. Desesperada, telefonei à Casa da Missão, pedindo que dois missionários viessem na próxima vez, porque eu as havia convidado a voltar. Na semana seguinte, a hora marcada vie-

ram os dois Élderes e também as moças. Tivemos uma discussão de 2 horas, na qual aprendi muita coisa, especialmente quando o Elder perguntou a elas de onde haviam recebido a autoridade de Deus, e elas não souberam responder. Quando os Élderes se despediram, eu formei um propósito de ir à reunião sacramental no próximo domingo, e foi o que eu fiz. Quando as duas moças voltaram na semana seguinte, me trouxeram um livro da Igreja delas, e eu muito firme disse: com muito prazer aceitarei o livro se em troca do mesmo aceitarem um livro dos mórmons, quando elas me disseram que não poderiam aceitar por não lhes ser permitido lêr êsse livro. Foi naquele momento que reconheci o que havia perdido durante êstes anos. Como me senti feliz que a nossa Igreja ensina: examinaí tudo e o que é melhor. Lembrei-me das palavras que um dos Élderes havia mencionado na semana anterior, que Jesus nos deu o livre arbítrio, e como nós podemos ter livre arbítrio se não nos é permitido examinar as coisas que desejamos?

Comecei freqüentar a Igreja, mas ainda não pude guardar a Palavra de Sabedoria, e também achava que uma pessoa que ganha Cr\$ 20.000,00 por mês é fácil pagar Cr\$ 2.000,00 de dízimo, mas para quem ganha apenas Cr\$ 2.000,00, é difícil pagar Cr\$ 200,00, por mês.

Sempre me entusiasmei mais com as reuniões, e um dia tive uma outra decisão: estive num baile, e na nossa mesa estiveram mais ou menos 20 jovens, quando um amigo me ofereceu um cigarro, e eu então com voz firme e amável disse que não fumava, mas isto para êles não era muito importante eu pensava. Pouco mais tarde passaram a cerveja e o vinho, e mais uma vez lhe disse: muito obrigada, eu não bebo álcool. Naquele instante pensei que todos iriam rir-se de mim, mas qual não foi a minha surpresa, quando êsse jovem falou para todos os outros que estavam à mesa, que tirassem um exemplo, pois eu era a única moça que não fumava e não bebia naquela mesa, e mais uma vez reconheci o que havia perdido naqueles anos. Soube que teríamos o baile Auriverde na Igreja e convidei êsse

(Continua na página seguinte)

Meu Testemunho

(Continuação da página anterior)

jovem para ir, e quando, naquela noite, saímos do baile que estava bem organizado falou: "Isto, eu nunca pensei que pessoas pudessem se divertir tanto assim, sem beber".

Meu testemunho foi crescendo e num dia também resolvi pagar o meu dízimo. Vi então como fui abençoada. Perdi a maior parte das minhas amigas porque não paguei mais o café, cinema e outras coisas nos domingos, pois em vez de sair com elas, fui à Igreja, com isto ganhei um amigo muito melhor e este amigo eu sei que nunca me deixará, e a Ele eu posso ir com minhas magoas, e alegrias. Sempre quando pergunte a Ele em uma oração sincera o que devo fazer, Ele responde, não sempre da maneira que desejo, mas como Ele sabe ser melhor para mim.

Com o meu testemunho sobre o Evangelho eu tive oportunidade de cumprir uma missão e quando fui desobrigada da missão tive a grande bênção de vir nos Estados Unidos, onde estou morando agora, e mais uma vez fui abençoada quando entrei no Templo, que eu sei é a melhor gratificação que o nosso Pai Celestial me pode dar, por ter voltado ao caminho reto, e peço a Ele sempre que me guie para que eu possa guardar os mandamentos que nos deu.

Deixo isto em Nome de Jesus Cristo, Amém.

PORTO ALEGRE

Agenor Canari

MEUOS irmãos e amigos, se hoje eu sou um membro desta Igreja, a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, é unicamente pela Vontade de Deus. Pois vejamos os fatos e acontecimentos. Nasci na religião Católica herança de família, mas religião para mim era coisa que faltava tempo.

A alguns anos passados resolvi montar uma oficina de móveis, onde até dezembro de 1955 tudo ia maravilhosamente. Também pudera, para mim só existia um Deus, o dinheiro. Queria enriquecer e para isso trabalhava os dias úteis, feriados e domingos.

Em janeiro de 1956 os negócios já não estavam indo bem, foi quando comecei a reavoltar-me contra tudo e contra todos. Nada dava certo, meu negócio tinha fracassado, não estava tendo os lucros que devia ter.

No dia 8 de fevereiro de 1956, estava eu trabalhando em minha oficina, afiando uma serra em um esmeril, quando esta partiu-se devido a velocidade em que girava. Sofri uma grave acidente. Atingido na cabeça, cai sem sentidos. Quando voltei à mim, já estava a quatro dias no hospital. Foi quando a enfermeira e a irmã de caridade me disseram, que eu devia agradecer à Deus, a minha vida, pois elas não contavam que eu vivesse.

Foi naquela hora que voltei à realidade, sim existia um Deus que eu havia esquecido, e voltei a orar com fervor agradecido ao Pai.

Mais ainda não estava terminada a minha provação. Voltei para casa, os negócios iam de mal a pior, fui obrigado a vender a oficina de móveis, ficando desempregado e doente por seis meses.

Uma noite eu estava pensando que seria melhor a morte, pois minha família ficaria assim livre de um homem doente, e ainda receberiam uma herança.

Foi uma loucura o que pensei, mais a minha situação era desesperadora e insuportável.

Estava eu pensando em suicidar-me, quando bateram na porta da frente, e por um milagre de Deus, eu mesmo fui atender.

Ao abrir a porta deparei com dois moços, um deles disse-me: em me chamao Elder Garth Loosli, e meu companheiro chama-se Elder William Reich, estamos pregando o Evangelho de Jesus Cristo, e somos da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, somos enviados para ensinar a verdade.

Senti uma alegria interna e disse-lhes: meus amigos, podem entrar. Esta casa é pobre, mais é bem vindo, quem fala em Nome de Jesus Cristo.

Eu e minha família recebemos a primeira lição, era justamente o que estávamos procurando, a verdade.

Os Élderes marcaram outra visita, e depois outra, e assim sucessivamente. Fomos à Igreja e gostamos

muito, pela oportunidade que temos em aprender o que noutra Igreja não aprendemos.

O interessante é que eu não fazia as minhas orações, como fazem as pessoas das outras Igrejas, que em geral usam de vãs repetições. Eu rezava como os Élderes, e os membros da Igreja de Jesus Cristo rezam. Vem daí o meu testemunho de que esta é a verdadeira Igreja, Deus é bom e justo, quer que todos se salvem, como é que eu queria morrer antes de conhecer as Suas leis!

Sim meus amigos, não foi castigo que Deus me deu, mais sim justiça, para que eu estivesse no Seu caminho.

Agradeço à Ele, por ter me enviado êsses Élderes, aos quais fico grato por ter-nos ensinado a verdade, e nos orientado no caminho a seguir para o Reino dos Céus.

O meu testemunho aumentou mais ainda. Quando faltavam poucos dias para o batismo de toda família, a saber, minha esposa, um filho com dezoito anos, e uma filha com quinze anos.

Creio que foi uma tentação que me descontrolou, pois deixei de ir à Igreja, e me irritava quando os meus familiares iam.

Na minha opinião êles só poderiam ir quando eu bem entendesse. cheguei mesmo a proibir, começou a desarmonia em nosso lar, minha esposa andava triste chorando para um lado, minha filha a chorar para outro.

Faltavam quatro dias para o batismo, os Élderes com a paciência de sempre, vieram na minha casa dar mais uma lição, e trazer uns papéis para eu assinar, eram os últimos preparativos para o batismo. Eu ainda estava sob a tentação a que já me re ferí, respondi à êles que não ia haver mais batismo, e que eu tinha resolvido também, não assinar mais papel nenhum.

A resposta foi tristeza que percebi em seus olhos, disseram-me que era uma pena que assim acontecesse, depois de termos aprendido tanto de Jesus. E que eu sabia onde era a Igreja, e que se eu mudasse de idéia, que os procurasse novamente, que lá é o lugar dos aflitos, e Jesus consola.

Fiquei em casa sem saber o que

(Continua na página seguinte)

Meu Testemunho

(Continuação da página anterior)

fazer. Minha filha pediu-me em prantos, que se eu tivesse amor em Deus que a deixasse pelo menor ir à Igreja aos domingos. Caso eu não permitisse, estaria cortando a sua felicidade, que ela faria qualquer sacrifício em troca, pois que sabia ser esta a verdadeira Igreja de Cristo.

Saí desorientado para o pátio, entrei numa casa que tenho nos fundos do quintal, feixei as portas e janelas, ajoelhei-me e entreguei-me à Deus, de corpo e alma, em oração.

Pedí à Deus que me orientasse, me mostrasse a verdade, que me iluminasse o espírito. Na noite do mesmo dia eu já tinha resolvido que iríamos nos batizar. Dei as boas novas aos meus, e a alegria voltou ao meu lar.

No outro dia, fui procurar os Élderes, e informei-os de meus propósitos, pedi à eles perdão por meus erros.

Fomos batizados, e hoje fico ansioso, à espera do domingo para irmos à Igreja.

Meus irmãos, foi Deus quem quiz que eu me tornasse membro da Sua Igreja.

Eu digo sim, foi Deus que me guiou ao seu caminho, porque Ele é misericordioso.

Testifico que isto referido acima foi vivido verdadeiramente por mim e minha família.

Todos os que me conheciam antes são testemunhas da veracidade destas cousas.

Também encontrei a veracidade do Livro de Mórmon, em Salmo 84: 11 encontra-se que é sol, é escudo, etc..

Os índios em geral adoravam o sol como um Deus. De onde eles souberam? Da Bíblia. E de onde veio a Bíblia? De Jerusalém, em placas de latão trazidas por Nefi, para este continente. Deus é sol sim, mas em glória, e ilumina com toda Sua plenitude.

Também em Salmo 85:11, encontra-se: "A verdade brotará da terra, e a justiça olhará desde os Céus". De onde foi tirado o Livro de Mórmon? Da terra! Por Joseph Smith.

Deixo estas palavras em nome de Jesus Cristo. Amém.

Lição para os Mestres Visitantes do Ramo

Lição para Março de 1957

FUNDAMENTOS DO PLANO DE BEM ESTAR

Nestes dias em que tanto se diz sobre segurança social e garantias do govêrno e subsídios, é bom que cuidadosamente examinemos o Plano do Senhor para nossa salvação temporal. Nenhum homem ou conjunto de homens, nem qualquer festa política pode garantir a segurança temporal no mundo da matéria. O Senhor, apenas, tem êsse poder. Aqui está Seu Plano como nos foi revelado:

PRIMEIRO — Pagamento de dízimos:

"E êste será o princípio do dízimo que o Meu povo deverá pagar: ...um décimo de todos os seus juros anuais". (Juros sempre foi interpretado por nossos líderes como vencimentos). A promessa por assim fazer é ter "as janelas dos céus abertas" e as bênçãos se derramando de tal maneira que nem poderão recebê-las todas.

SEGUNDO — Observância à lei do jejum e do pagamento de ofertas de jejum. "Os que jejuam e dividem seu pão com os que têm fome — chamarão e o Senhor responder — clamarão e o Senhor dirá aqui Estou". (Desde os tempos antigos até hoje, a lei do jejum compreende a abstinência de 2 refeições, uma por mês, e a consagração do jejum com a contribuição do valor como oferta de jejum ao Presidente do Ramo ou Bispo do "Ward").

TERCEIRO — Cada membro, dentro de sua capacidade deve prover para si mesmo porque: "aquêle que não provê para si mesmo e pior que um gentio". Todos devem ser industriosos na provisão contra os dias de necessidade, ninguém deve ser vadio, porque o vadio não comerá o pão nem vestirá a roupa do que trabalha. (Nossos líderes através dos anos vêm aconselhando que guardemos alimento suficiente, combustível e roupas, para, pelo menos, suprir um ano para si mesmo e para seus lares e se mantenham afastados do débito).

QUARTO — Manter uma ativa colaboração com seu Quórum do Sacerdócio, do qual, cada membro foi designado pelas revelações para "cuidar da Igreja". (Os irmãos assim unidos levarão a cada membro do Sacerdócio, através da unidade do Quórum, "o poder necessário para enfrentar os problemas dêste mundo moderno e mutável").

QUINTO — Seguir a liderança de seu Presidente do Ramo e Distrito, em levar avante as provisões e compromissos com o programa de Bem Estar do Senhor em prover carne para o armazém do Senhor. Tudo a fim de que através da Minha (do Senhor) providência, não obstante as tribulações que cairão sobre vós, a Igreja ficará independente sobre todas criaturas, sob o mundo celestial. Todo significado dos fundamentos acima esboçados se completa na revelação significativa do Senhor à Sua Igreja (D. & C. 104:15-18).

Êste Plano o Senhor declarou que estava de "acôrdo com a união requerida pela lei do Reino Celestial". (D. & C. 105:4).



São Paulo

★ Despediram-se mais duas jovens da A. M. M. do Ramo de São Paulo, com destino ao campo missionário. São as Irmãs Maria Luz Bengochea e Gláucia Pereira.

A A. M. M. prestou sua homenagem às duas jovens, ofertando-lhes uma pequena lembrança. Além de números musicais, palavras de incentivo foram dadas a elas, pelos jovens da A. M. M..

Noite de Gala na A. M. M.

★ Espetáculo que elevou bem alto o espírito da Igreja e a cultura dos seus jovens. O programa foi dirigido por Irmã Mercedes Patrício.

Nessa noite a A. M. M. apresentou-se improvisando um pequeno teatro na nossa Capela. Os jovens trajados a rigor e as moças com seus vestidos de festa deram à noite um brilho especial.

Números de canto, piano, violino, violoncelo, violão, foram apresentados, bem como balet e danças. A execução dos números apresentados foi perfeita, fazendo os que ali estavam sentir-se em um grande teatro, assistindo concerto de um grande professor, ou maravilhoso balet dançado por uma grande bailarina.

O programa foi de agrado de todos os membros.

Em seguida tivemos o baile em que todos tomaram parte.

Programa da Conferência do Ramo de São Paulo

★ O programa tinha por título "A Segunda Vinda de Jesus Cristo".

Em seus menores detalhes e explicações, os oradores foram pródigos, revelando com precisão a segunda Vinda de Cristo. Fizeram também explicações sobre guerras e

sinais que precederão a segunda Vinda de Jesus Cristo.

Nessa Conferência foi apoiada toda a Presidência da Igreja, pelos membros.

Também nessa Conferência, o irmão Lombardi foi elevado ao ofício de Elder.

Reunião Especial da A. M. M.

★ 16 de fevereiro de 1957 — Pela primeira vez no Ramo de São Paulo a A. M. M. teve uma reunião de testemunhos.

Belíssimos foram os testemunhos apresentados pelos jovens da A. M. M. e pelos outros membros da Igreja.

A Diretoria da A. M. M. esteve completa e desde a Secretária até o Superintendente e o Presidente deram seus testemunhos.

E assim encerrou-se a reunião especial de testemunhos da A. M. M..

Santo Amaro

★ Alcançou pleno êxito a nossa Conferência que teve lugar no dia 20 de janeiro. Contamos com as valiosas palavras do Presidente do Distrito, Elder Hillman, Elder Neeleman representando o Presidente Sorenson, e ainda o Presidente do nosso querido Ramo, Elder Cottan. Na sessão da manhã ouvimos um Elder e mais alguns membros deste Ramo.

★ Tivemos dia 25 de Janeiro, data da Fundação de S. Paulo, um picnic em Interlagos. Não obstante o mau tempo pela tarde, tivemos horas muito divertidas. Regressamos aos nossos lares satisfeitos e alegres por tão salutar recreação.

Irmã Hilda Morris

Bauru

★ 21 de dezembro — Sob a direção da A. M. M. foi realizada uma reunião para comemorar o dia de Na-

tal a data magna e sublime da cristandade.

Foi apresentada uma peça denominada "Cama de Feno". Ainda tivemos diversos números variados.

★ 24 de dezembro Os jovens artistas foram demonstrar os seus talentos com a mesma peça até a cidade de Jau. Compareceram à festa grande número de membros e amigos. Após a reunião foram servidos pelos irmãos uns deliciosos doces, e ainda tiveram o privilégio de saborear as uvas do próprio quintal da Igreja.

Logo em seguida regressaram deixando os membros felizes.

Jovens, fazemos votos que sempre continue representando os seus talentos. Esperamos que na próxima Conferência este Ramo saia vencedor ganhando o prêmio para a melhor peça.

★ 31 de dezembro — Na noite deste dia nos reunimos às 21,00 horas fazendo brincadeiras até às 24,00 horas. Depois fomos todos à Capela, lá cantamos em louvor ao nosso Pai Celestial agradecendo pelo ano feliz que passamos e fazendo votos que mais este ano seja também venturoso.

★ 15 de janeiro — A organização da A. M. M. toma a nova fase. Foi nomeado a exercer o cargo na A. M. M. as pessoas: Lazaro Beteto, Presidente; Ruth D. Pereira, 1.º Conselheiro; Maria O. Oliveira, 2.º Conselheiro; Cleyde D. Pereira, Secretária.

Muitas felicidades aos novos líderes!

Em nome de todos irmãos quero deixar, através desta revista os meus votos de muitas felicidades ao irmão Gervásio de O. Sampaio, pelo seu grande trabalho em escrever aquelas belíssimas poesias que se encontra na seção "Sua Contribuição", que o Espírito Santo ilumine o senhor, são os votos sinceros.

Parabéns pelo seu grande talento!

★ 13 de dezembro — Foi abençoado pelo Élderes Howard G. Fowers e Marshall Wayne Chatwin a garota Norma Cristina V. Pereira.

O lar do Irmão Antônio Carlos de Oliveira acha-se enriquecido com o nascimento de um garoto. Desejamos ao casal muitas felicidades.

Rosa Kami Mura

(Continua na página seguinte)

Seu Ramo

(Continuação da página anterior)

Jau

★ 24 de dezembro — deixou-nos grande recordação. Fomos todos unânimes em afirmar o mesmo. Contamos com um bom número de pessoas, dentre as quais estavam membros e amigos.

Tivemos uma bonita festinha, na qual colaboraram brilhantemente as missionárias e membros do Ramo de Bauru, dando-nos a oportunidade de assistirmos uma peça teatral, que foi para nós um deleite dado o seu maravilhoso trabalho.

Estamos pois sinceramente gratos aos nossos queridos irmãos do Ramo de Bauru, pois que a nossa festinha foi uma feliz lembrança do Nascimento de Jesus Cristo.

Irmão João Camargo

Belo Horizonte

★ 18 de janeiro — À noite a Sociedade de Socorro do Ramo de Belo Horizonte, realizou o seu primeiro Bazar; foram apresentados presentes e trabalhos feitos pelos membros da referida Sociedade. Sob a direção da nossa irmã Norma Gomes, foi feita a venda com sucesso.

Duas amiguinhas da Igreja, Marília e Eldeweis Segantini, tiveram o máximo prazer em vender os deliciosos salgados, doces e refrescos que também obtiveram grande sucesso, tudo foi vendido.

Tivemos também "Leilão americano": foi de um bolo que deixou durante alguns minutos os nossos corações palpitem mais forte, foi uma verdadeira luta que valeu a pena pelo lucro alcançado.

Várias brincadeiras foram dirigidas pelo nosso querido Elder Baker, que ajudou na renda da nossa Sociedade. Conseguimos angariar Cr\$ 859,00, que ficarão para os fundos da Sociedade.

Iniciamos o nosso Bazar com um Hino e uma Oração. Estavam presentes 19 pessoas sendo 8 membros, 7 amigas e Élderes.

amigos e membros, continuaremos Contando com a cooperação dos com os nossos esforços pelo engrandecimento da Sociedade de Socorro, levando avante esta valiosa Missão.

Irmã Eva Hanke

Pôrto Alegre

★ 8 de dezembro — No ano passado, a Sociedade deste Ramo organizou um bazar no qual foram apresentados inúmeros e belíssimos trabalhos feitos pelas senhoras.

★ 23 de dezembro — Tivemos uma festinha em comemoração ao Natal, na qual foi apresentada a interessante peça "O Quarto Vazio", tendo sido seu elenco muito aplaudido por um grande auditório.

★ Festejando o "Ano Novo" a A.M.M. organizou uma reunião dansante à qual compareceram muitos jovens; e, encerrando a noitada, foram distribuídos doces e refrescos. Foi uma excelente reunião.

★ 20 de janeiro — Tivemos a Conferência do Ramo na qual tivemos a feliz oportunidade e o prazer de ouvir discursos instrutivos e edificantes do Presidente Sorensen.

★ 3 de fevereiro — Um belo picnic realizado na praia da Alegria, ocasião em que foram batizados seis irmãos. Foi um dia em que passamos alegre e despreocupadamente, sem nenhuma sombra de contrariedade.

Tivemos um ótimo serão dominigueiro em casa de nosso irmão Vitor Salvaterra.

Nilza Chaves Guimarães

Ponta Grossa

★ Terminamos o ano de 1956 com chave de ouro. Tivemos 3 lindas festas que agradaram tremendamente, e que alcançaram um sucesso absoluto.

No dia 15 de dezembro a Sociedade de Socorro, até então dirigida pelas irmãs Alice Gaertner como Presidente, Alzira Peixoto e Nair Krul como Conselheiras, realizou o seu tradicional Bazar, que ultrapassou as expectativas de todos. Uma grande e bela quantidade de trabalhos, foram expostos, para a delícia das 80 pessoas presentes, que se regalaram com os frutos dessa maravilhosa organização. A Igreja abriu-se às 16 horas. As pessoas chegavam uma a uma, e ao mesmo tempo que admiraram os trabalhos habilidosos, participavam das brincadeiras e jogos previamente organizados.

À noite, a A.M.M. preparou um belo programa. Números musicais, esquetes foram apresentados, reve-

lando um grande número de bons talentos.

Depois o baile, durante o qual, foram feitos alguns leilões, de objetos doados pelos membros e amigos. A nota interessante, foi dada pelo irmão Leonidas Gaertner que depois de uma luta cerrada, comprou sem saber um pepino, gentilmente oferecido pelo irmão Waldevino Sprenger.

E assim tivemos a nossa "Noite de Alegria".

★ 25 de Dezembro — A irmã Vera Maria Gaertner organizou uma bela festa de Natal, onde pudemos gozar o verdadeiro espírito de Natal. Houve diversos números, entre os quais, o côro do Ramo, e uma peça alegre e interessante! Os artistas: Vera Maria Gaertner, Aristalگو Monsalves, Antônio Peixoto, e o nosso grande amigo Acir Bizetto, deram a vida necessária à peça, agradando a todos.

Após o programa, como não podia deixar de ser, tivemos a visita do Papai Noel. O simpático velhinho divertiu a petizada. Um detalhe interessante, que não pudemos deixar de notar, foi as expressões de alegria estampada nos rostinhos das 40 crianças presentes.

A Igreja estava repleta, com as 112 pessoas que ali divertiram-se tipicamente a maneira dos Santos dos Últimos Dias.

★ Sem dúvida, jamais esqueceremos a nossa passagem do ano. No dia 31 de dezembro de 1956, membros e amigos dirigiram-se à Igreja lá pelas 22 horas, trazendo pratos de frutas e salgados. Começamos com brincadeiras de salão e, alguns momentos antes de romper o ano, sentamo-nos na Capela, e cantamos hinos. Depois nos reunimos ao redor de uma bela mesa de frutas, salgados, e refrescos, e no momento em que o ano rompia, os sinos de tôdas as Igrejas ressoavam, fábricas apitavam, ajoelhamo-nos e por intermédio do Presidente do Ramo, irmão Levi Gaertner, agradecemos ao nosso querido Pai Celestial, o ano que passou. Foi sem dúvida um momento emocionante, onde pudemos nos sentir mais próximos de Deus.

Elder Chislon J. Cardim

O Sacerdócio

(Continuação da página 37)

Quão bom seria se aquêlê método fôsse adotado pelos pais em suas casas com seus filhos? Quão ótímo seria se cada pai ensinasse o Evangelho tão diligentemente aos seus filhos como os missionários ensinam seus investigadores? Quão bom seria se fizessem com que nascessem testemunhos em todo o seu ardor para seus

filhos, e então orassem com êles sobre o Evangelho, buscando um testemunho.

Quanto tempo faz que você deu seu testemunho à seus filhos? Quantas vêzes você sentou-se e ensinou-lhes o Evangelho? Quantas vêzes você ajoelhou-se com êles em oração buscando um testemunho da verdade?

Se tôda casa adotasse os métodos missionários para seu próprio uso, a conversão suceder-se-ia acerta-

damente como no campo missionário. As crianças ficariam impressionadas com os testemunhos de seus pais. Num realíssimo senso, seriam investigadores do Evangelho. Porque não considerar então:

Tôda casa um campo missionário?

Todo pai um missionário?

Tôda criança um investigador do Evangelho?



ERRATA

Em nossa capa da "A LIAHONA" de janeiro, apresentamos a fotografia de um Templo, cujo nome foi apresentado como "Templo de Nauvoo", queremos, através desta nota, desfazer o engano ocorrido. Apresentamos aqui, uma fotografia do Templo de Nauvoo. Aquela apresentada por engano, na "A LIAHONA", acima citada, foi a do Templo de Kirtland. Pedimos ao leitor desculpas pelo engano.

NOSSA CAPA

A CIDADE DE SÃO PAULO

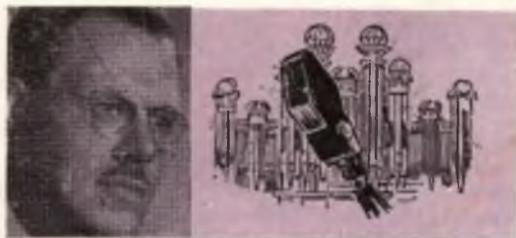
"São Paulo, Brasil. A história desta cidade é a história do Brasil em si. Uma movimentada metrópole de 3 milhões de pessoas, que proclama ser a cidade que mais cresce no mundo.

A cidade foi fundada em 1554 e chegou a um tamanho de 25.000 pessoas em 1882. Desde a entrada deste século aumentou até a sua população atual de 3 milhões, experimentando, assim, um incrível desenvolvimento. Todo o encanto da cidade provém de sua atividade e seu modernismo.

Encontrar-se-á em São Paulo, tudo, desde uma casa histórica até um moderno arranha-céu de escritórios, e prédios de apartamento. Dezoito mil estruturas de todos os tipos são construídas cada ano, somente na cidade de São Paulo.

São Paulo está constantemente sofrendo transformações. Aquêles que conheciam parte de São Paulo há cinco anos atrás não a reconheceriam hoje. Continuamente demole e reconstrói, pontes e viadutos, canais e reservatórios.

A cidade não é apenas um centro comercial, mas um dos mais importantes centros industriais em tôda América Latina. As atividades e o pulsar do coração nacional e mais iniciativa de centenas e milhares dos imigrantes europeus, constituíram uma combinação amigável e produtiva, e hoje, quando as tribulações e distúrbios da guerra peza sobre o mundo, esta cidade é um refúgio privilegiado de paz e trabalho abrindo seus braços para todos que sejam produtivos e pacíficos".



A Palavra Inspirada

FÉ E OBRAS

FALA-SE muito hoje em dia, em fé. O mundo está cheio de homens que dizem ter fé em Deus... e dizem que aquilo que falta na terra é justamente mais um pouco desta virtude. Mas será que isto basta? No mundo há muitas guerras e situações que não estão de acôrdo com a fé em Deus. A fé, pois, não é bastante. Estão faltando no mundo as obras que acompanham a verdadeira fé. Que adianta crêr em Deus, se não seguimos os Seus mandamentos? O resultado da fé sem obras vemos por todos os lados hoje em dia, quem é que não crê em Deus? Mas onde está por exemplo, a paz? Na terra em todo caso não. Porque são poucos os homens que amam a seu próximo como a si mesmos. Sabem que é um bom ensinamento amar os seus semelhantes, mas não fazem isto. Têm fé em Deus, mas não obram de acôrdo com a sua crença.

O grande poeta escocês, Sir Walter Scott certa vez aprendeu de uma maneira belíssima, uma lição sôbre fé e as obras. Sabe-se que a Escócia é coberta de lagos, e não tendo bastante pontes, êles usam pequenas canoas para transportar as pessoas... Bem, Sir Walter Scott atra-

vessando um dia um dêstes lagos, notou que o barqueiro tinha uma palavra escrita em cada um dos seus remos. Uma palavra era; *Fé* a outra: *Obras*. Encantado êle perguntou ao barqueiro a razão disto, em resposta o velho deixou de lado um dos remos e impeliu a canoa com um só, e todos os que bem sabem remar, sabem o que aconteceu: a canoa rodava e rodava, sem esperança de chegar ao destino. Pegando então o remo marcado, *Obras*, o velho repetiu a experiência para Sir Walter. E a mesma cousa aconteceu. A canoa rodava e não saia do lugar. Depois, ao pegar ambos os remos, e impelindo a canoa com ambos, o barqueiro dirigiu o barco direitinho ao outro lado. E assim foi como Sir Walter Scott aprendeu uma lição que muitos ainda não conhecem: Fé sem obras pouco adianta, e da mesma forma obrar e deixar de lado a fé é de pouco valor.

O grande Apóstolo Tiago disse a êste respeito: "Que aproveitará irmãos meus, se alguém diz que tem fé e não tem obras? Porventura salva-lo-á tal fé? Se um irmão ou uma irmã estiver nú e precisar de alimento e algum dentre vós disser: ide em paz, aquecei-vos e saciai-vos, não lhe dando porém as cousas necessárias para o corpo, de que lhes aproveitará? Assim também a fé, se não tiver as obras, ela é morta em si mesma".

Nós então, que queremos viver como Deus quer que vivamos, precisamos juntar as obras com a nossa fé, e não só falar no Senhor, mas também obedecer aos Seus mandamentos. Peguemos ambos os remos, e chegaremos ao destino que esperamos, na eternidade.

Richard L. Evans

Devolver à

A LIAHONA

Caixa Postal, 862

São Paulo, Est. S. P.

Não sendo reclamada

dentro de 30 dias.

PORTE PAGO